

DOI: 10.47694/issn.2674-7758.v3.i7.2021.258285

## MEDIEVALISMO E FEMINISMO

Judith M. Bennett<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo foi redigido originalmente em inglês, cujo título é *Medievalism and Feminism*, de autoria da professora e pesquisadora Judith Bennett, publicado pela The University of Chicago Press (1993). Trata-se de uma discussão interessada em teorizar sobre o conceito de gênero a partir dos estudos empreendidos pelos medievalistas.

**Palavras-Chave:** Gênero. Idade Média. Teorias feministas.

### MEDIEVALISM AND FEMINISM

**Abstract:** This article was originally written in English, with the title *Medievalism and Feminism*, by professor and researcher Judith Bennett, published by *The University of Chicago Press* (1993). It is a discussion interested in theorizing about the concept of gender from the studies undertaken by Medievalists.

**Keywords:** Gender. Middle Ages. Feminist theories.

### EL MEDIEVALISMO Y EL FEMINISMO

**Resumen:** Este artículo fue escrito originalmente en inglés, con el título *Medievalism and Feminism*, por la profesora e investigadora Judith Bennett, publicado por *The University of Chicago Press* (1993). Es una discusión interesada en teorizar sobre el concepto de género a partir de los estudios realizados por los Medievalistas.

**Palabras clave:** Género. Edad Media. Teorías feministas.

### Introdução

“O que é esta revista *Speculum*” me pergunta uma candidata a estudante de graduação. “É um tipo de revista radical feminista? Eu vi edições da revista no escritório de um professor e eu não imagino que ele iria assinar uma publicação feminista... Então, o que é *Speculum*?”. Para entender esse questionamento, eu tive que me lembrar de mim mesma, aos 22 anos de idade, estudante sem profissionalização, mais familiarizada com o espelho como um instrumento usado em exames ginecológicos do que com o *Speculum*, a principal publicação acadêmica para medievalistas. Recordando vagamente minha própria perplexidade ao primeiro encontro com uma revista para medievalistas chamada *Speculum*, eu expliquei à estudante a derivação do nome em Latim, a importância da publicação em estudos medievais, e a ausência absoluta de conexão entre o nome da revista com qualquer coisa ginecológica. Nós rimos um pouco – por solidariedade feminina – sobre a ingenuidade dos fundadores da *Speculum* (todos

---

<sup>1</sup> Professora de História na Universidade do Sul da Califórnia. É autora de inúmeros livros, incluindo *Ale, Beer and Brewsters in England: Women's Work in a Changing World, 1300-1600* and *Women in the Medieval English Countryside: Gender and Household in Brigstock Before the Plague*.

homens, como presumimos corretamente), que teriam escolhido intitular sua revista com um nome que ressoava tão fortemente (e enganosamente) para as mulheres modernas.

Mas, será que os fundadores da *Speculum* foram mesmo ingênuos, será que realmente desconheciam os outros significados do título escolhido? Nos meses seguintes ao momento em que aquela estudante e eu assumimos tão despreocupadamente a ignorância deles sobre o espéculo vaginal, eu comecei a duvidar disso. Os registros da estruturação da revista nos anos de 1920 nos dizem apenas que outros poucos títulos foram considerados (ex: *A Idade Média* e *Estudos Medievais*) e que E. K. Rand (que, de fato se tornou o primeiro editor da publicação) defendeu especialmente a escolha de *Speculum* porque sugeria a ele “os numerosos espelhos nos quais as pessoas da Idade Média gostavam de admirar a si mesmas e outras pessoas”.<sup>2</sup> Isso soa bem inocente em relação a qualquer reflexão ginecológica. No entanto, para mim, agora parece possível que Rand e seus associados soubessem o significado ginecológico de “speculum”.

Em um momento raro para um medievalista, fui capaz de conduzir uma história oral sobre esse ponto. Meu avô materno que, nos anos 1920, estava praticando obstetrícia e ginecologia em Nova Jersey, assegurou-me que o espéculo era comumente utilizado à época, e que seus pacientes quase certamente sabiam o nome desse instrumento e que, “embora a maioria dos homens naquela época nunca tivessem visto um espéculo, eles provavelmente sabiam sobre seu uso ginecológico”.<sup>3</sup> O que ele lembra tão claramente pode ser confirmado em fontes escritas. No tempo em que a *Speculum* foi intitulada, o significado mais comum de “espéculo” era seu uso médico; o espéculo ginecológico era usado regularmente por médicos; e havia sido objeto de discussão pública e debate consideráveis.<sup>4</sup> Talvez Rand e seus sócios fossem peculiarmente isolados de tudo isso, mas, talvez não. Parece bem possível que, em vez de serem ignorantes do uso ginecológico do termo, eles estivessem bastante cientes sobre esse significado moderno,

<sup>2</sup> E. K. Rand em *Speculum* 1 (1926), 4. Luke Wenger me forneceu fotocópias de documentos que descrevem o início da história da revista (bem como sua própria reconstrução dessa história). Gostaria de agradecê-lo não apenas por esses materiais, mas também pelas informações sobre os membros, oficiais e reuniões anuais da Academia Medieval.

<sup>3</sup> Entrevista por telefone com Robert Abbe MacKenzie, M.D., 4 de novembro de 1991.

<sup>4</sup> “*A New English Dictionary*, 9/1 (Oxford, 1919), p. 560, deu como sua primeira definição para “espéculo”, um instrumento cirúrgico de várias formas, usado para dilatar orifícios do corpo de modo a facilitar o exame ou operações”. Também relatou que no uso em inglês, o significado médico de “speculum” antecedeu seu significado como espelho em cerca de meio século. O *Oxford English Dictionary* (Oxford, 1933) repetiu essa informação sem alterações. Como esta definição indica, existem muitos usos médicos do termo “espéculo”, mas o espéculo ginecológico foi e continua sendo o uso predominante do instrumento médico. Para debates públicos sobre o espéculo ginecológico, consultar especialmente: Judith R. Walkowitz, *Prostitution and Victorian Society: Women, Class and the State* (Cambridge, Eng., 1980).

e estivessem felizes (seja consciente ou inconscientemente) em contrapor o espéculo-como-um-instrumento-ginecológico com um *Speculum* que assegurava latinidade, antimodernidade e masculinidade.

Quaisquer que tenham sido as intenções, os fundadores da *Speculum* deram à sua revista um título cujo duplo sentido tem crescido muito nas últimas décadas. Desde os anos 1960, ativistas do movimento feminista na saúde têm focado ainda mais a atenção do público no espéculo – pedindo a médicos que tenham mais cuidado em seu uso e pedindo a mulheres que usem em seu autoexame.<sup>5</sup> De fato, até o início dos anos 1970, o espéculo tornou-se um símbolo crítico para o controle das mulheres sobre nossos próprios corpos; em 1973, por exemplo, um boletim de notícias feminista publicou um desenho mostrando a Mulher Maravilha balançando um espéculo para um médico do sexo masculino e gritando: “Com meu espéculo, eu sou forte! Eu posso lutar!” (aos seus pés estavam representantes já derrotados de grupos como a Paternidade Planejada, a Associação Médica Americana, o Movimento Pró-Vida, e o Crescimento Populacional Zero).<sup>6</sup> Mais recentemente, *Speculum of the Other Woman* [Espéculo da Outra Mulher], de Luce Irigaray, tornou-se o centro de intenso debate entre teóricas feministas – sobre a representação da mulher como um reflexo de “alteridade” ou “ausência”, sobre a aparente ligação essencialista entre os corpos de mulheres e as vozes de mulheres, sobre a própria (im)possibilidade de uma fala feminina verdadeiramente livre.<sup>7</sup>

Para as feministas na década de 1990, o espéculo é uma representação poderosa, apelando não só para o conhecimento das mulheres sobre nossos próprios corpos, mas também para o posicionamento cultural e social das mulheres em um mundo patriarcal.<sup>8</sup>

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, *Boston Women's Health Collective, Our Bodies, Ourselves* (Nova York, 1971), esp. pp. 270-71. Curiosamente, os dois tipos de espéculo são usados em um autoexame ginecológico: um espéculo para abrir as paredes da vagina e um espelho para refletir as imagens de volta para a pessoa.

<sup>6</sup> Veja a ilustração na pág. 261. Gostaria de agradecer a Etta Breit por chamar minha atenção para este desenho. Foi reproduzido em: Barbara Ehrenreich e Deirdre English, *Complaints and Disorders: The Sexual Politics of Sickness* (Old Westbury, N.Y., 1973).

<sup>7</sup> Embora publicado em francês, em 1974, este livro não foi amplamente lido nos Estados Unidos até sua tradução, em 1985: Luce Irigaray, *Speculum of the Other Woman*, trad. Gillian G. Gill (Ithaca, N.Y., 1985). Na tentativa de compreender Irigaray e a sua influência na teoria feminista moderna, contei com quatro textos: Janet Todd, *Feminist Literary History* (Cambridge, Eng., 1988); Toril Moi, *Sexual/Textual Politics: Feminist Literary Theory* (Londres, 1985); Margaret Whitford, “Rereading Irigaray”, em *Between Feminism and Psychoanalysis*, ed. Teresa Brennan (Londres, 1989), p. 106 - Carolyn Burke, “Irigaray through the Looking Glass”, *Feminist Studies* 7 (1981), p. 288-306.

<sup>8</sup> Gostaria de enfatizar que o espéculo não é uma representação inequivocamente positiva para as feministas, pois muitas vezes foi visto como um instrumento de controle masculino sobre as mulheres. Por exemplo, no final do século XIX, Josephine Butler, em campanha contra o uso do espéculo em exames forçados de prostitutas por médicos policiais, condenou-o como uma forma de “estupro instrumental”; veja Walkowitz, *Prostitution and Victorian Society*. Para outro exemplo, seu uso no início da Alemanha moderna foi recentemente associado à “intrusão dos primeiros praticantes do sexo masculino na sala de parto”; Lynne

Como resultado dessa especulação feminista contínua, o título *Speculum* pode sugerir — especialmente para as centenas de medievalistas de hoje, que também são feministas — tanto medievalismo, quanto feminismo.



Cartoon by C. Clement, front cover of *Sister* (July 1973), published by the Los Angeles Women's Center

Claro, *Speculum* raramente carrega esse duplo significado. Para a maioria dos medievalistas, *Speculum* é um eco moderno de um título medieval popular, evocando reflexão e perspectiva, não a ginecologia e, certamente, não o feminismo.<sup>9</sup> *Speculum* ressoa tão estreitamente para nós porque nós aceitamos uma percepção estreita do nosso campo, uma percepção que geralmente trata a combinação de estudos feministas e estudos medievais como curiosos e anômalos ou ainda apavorantes.

Medievalismo e Feminismo: um casal estranho e indesejável. Acho que essa percepção é errada, pois, como desejo argumentar neste ensaio, a separação entre medievalismo e feminismo é igualmente artificial e contraproducente. O trabalho feminista em estudos medievais é um empreendimento de sucesso, com um passado distinto e um futuro promissor. Embora a comunidade de estudos medievais seja frequentemente indiferente e, às vezes, hostil a essa pesquisa feminista, a mistura de

Tatlock, “*Speculum Feminarum: Gendered Perspectives on Obstetrics and Gynecology in Early Modern Germany*”, *Signs* 17 (1992), p. 725-60.

<sup>9</sup> Consultar especificamente: Ritamary Bradley, “*Backgrounds of the Title Speculum in Mediaeval Literature*”, *Speculum* 29 (1954), 100-115.

medievalismo e feminismo funciona para benefício mútuo, tanto de estudos feministas quanto medievais. Em resumo, os fundadores da *Speculum* podem ter sido ingênuos ou despreocupados sobre o espéculo ginecológico do seu tempo, mas eles foram prescientes sobre o desenvolvimento dos estudos medievais. O título que escolheram, em 1925, significa mais ainda hoje, falando não só para o que os estudos medievais foram, mas também o que estão se tornando.

É difícil avaliar a rica, variada e ainda não-escrita história das mulheres no desenvolvimento dos estudos medievais.<sup>10</sup> Por um lado, as mulheres sempre foram ativas nos estudos medievais e, de fato, as mulheres de hoje são mais ativas nas bolsas medievais do que na maioria dos outros ramos da academia. Como David Herlihy relatou em seu discurso presidencial há dez anos, as mulheres constituem mais de um terço dos membros da Academia Medieval. Isso não é paridade, mas é muito melhor do que a maioria das outras disciplinas acadêmicas.<sup>11</sup> Por outro lado, embora os estudos medievais sempre tenham acomodado as mulheres com mais vivacidade do que outros campos, a acomodação tem sido restrita. Por exemplo, as mulheres fizeram parte da Academia Medieval desde o seu início, mas apenas uma pequena parte. Dos 33 companheiros eleitos em 1926, apenas um era mulher (Nellie Neilson de Mount Holyoke). Nenhuma mulher serviu no conselho editorial original da *Speculum*, mas uma mulher foi incluída entre 19 acadêmicos no conselho consultivo (Cornelia Catlin Coulter de Vassar e, depois, Mount Holyoke). O lugar das mulheres na Academia Medieval permaneceu bastante restrito por muitas décadas: algumas colegas do sexo feminino, algumas oficiais do sexo feminino e nenhuma presidente até Ruth Dean<sup>12</sup>, em 1973-74. Além disso, mesmo este lugar restrito para as mulheres dependeu por muito tempo de treinamento e empregos em segregação sexual, especialmente em Bryn Mawr e Mount Holyoke, onde gerações de jovens foram inspiradas a seguir carreiras em estudos medievais<sup>13</sup>.

<sup>10</sup> Embora alguns de meus comentários nesta seção também se refiram aos estudos medievais na Europa, foquei as relações norte-americanas entre medievalistas, acadêmicas e estudiosas feministas.

<sup>11</sup> David Herlihy, “*The American Medievalist: A Social and Professional Profile*”, *Speculum* 58 (1983), 885. Para comparação, as mulheres constituíam menos de 25% dos membros da *American Historical Association* no início dos anos 1980 (sou grata a Noralee Frankel por me fornecer essas informações).

<sup>12</sup> Além de Ruth Dean, as seguintes mulheres serviram como presidentes: Eleanor Searle (1985-86), Katherine Fischer Drew (1986-87), Mareia L. Colish (1991-92). Gostaria de enfatizar a exatidão dessa lista, pois duas mulheres (Helen Wieruszowski e Nellie Neilson) foram recentemente identificadas como ex-presidentes da Academia Medieval. Para Wieruszowski, ver: Susan Mosher Stuard, *Women in Medieval History and Historiography* (Philadelphia, 1987), p. 88. Para Neilson, ver: Jacqueline Goggin, “*Challenging Sexual Discrimination in the Historical Profession: Women Historians and the American Historical Association, 1890-1940*”, *American Historical Review* 97 (1992), 796.

<sup>13</sup> Esse treinamento e emprego segregados por sexo limitaram severamente as oportunidades profissionais das primeiras mulheres medievalistas. Como a própria Neilson reclamou em 1939: “as mulheres



Sem dúvida, essas primeiras mulheres medievalistas eram respeitadas por seus colegas homens. Eileen Power foi lembrada na *Speculum* como uma estudiosa de “grande distinção”; Nellie Neilson, conhecida por seu trabalho “minucioso e penetrante”, foi a primeira mulher eleita presidente da *American Historical Association* [Associação Histórica Americana] (em 1943); Bertha Putnam foi lembrada como uma das primeiras “pioneiras feministas”, com um “bom caráter” e “mente dura”; Hope Emily Allen foi fixada na memória como “rápida e ardente na pesquisa, ousada na interpretação, meticulosa na verificação”.<sup>14</sup> No entanto, essas primeiras mulheres medievalistas não fizeram e não encontraram um lugar entre os fundadores dos estudos medievais. Em 1950, F. N. Robinson incluiu em seu discurso presidencial uma extensa discussão sobre os estudiosos que ajudaram a formar os estudos medievais na América do final do século XIX e início do século XX. Ele não mencionou uma única erudita. Histórias mais recentes de S. Harrison Thomson, William J. Courtenay e Norman Cantor fazem praticamente o mesmo.<sup>15</sup>

Portanto, tanto em seu desenvolvimento quanto em sua própria história, os estudos medievais adotaram um modelo pluralista: os homens toleraram as mulheres no campo, mas as mulheres foram mantidas segregadas e subordinadas à corrente dominante. Talvez

---

acadêmicas não têm acesso, via de regra, às cátedras de pesquisa que são a Meca dos homens acadêmicos”; citado em Margaret Hastings e Elisabeth G. Kimball, *Two Distinguished Medievalists - Nellie Neilson e Bertha Putnam*, *Journal of British Studies* 18 (1979), 146.

<sup>14</sup> Ver memórias publicadas na *Speculum* como segue: Power, 16 (1941), 381-82; Neilson, 25 (1950), 417-18; Putnam, 35 (1960), 522-23; Allen, 36 (1961), 535. Para outras memórias das primeiras mulheres medievalistas (todas, tanto bolsistas ou correspondentes da Academia Medieval), ver Belle Da Costa Greene, 32 (1957), 642-44; Lis Jacobsen, 37 (1962), 489-90; Helen Jane Waddell, 41 (1966), 600-601; Dorothy Waley Singer, 42 (1967), 593; Helen Maud Cam, 43 (1968), 572-73. Veja também Hastings e Kimball, “Two Distinguished Medievalists”; Susan Mosher Stuard, “A New Dimension? Estudiosos norteamericanos contribuem com sua perspectiva”, em seu volume editado: *Women in Medieval History and Historiography*, p. 81-99; John C. Hirsh, Hope Emily Allen: *Medieval Scholarship and Feminism* (Norman, Okla., 1988); Goggin, “Challenging Sexual Discrimination Maxine Berg”, “The First Women Economic Historians”, *Economic History Review*, 2nd ed., 45 (1992), 308-29.

<sup>15</sup> F. N. Robinson, “Anniversary Reflections”, *Speculum* 25 (1950), 491-501, esp. p. 493-95. S. Harrison Thomson, “The Growth of a Discipline: Medieval Studies in America”, em *Perspectives in Medieval History*, ed. Katherine Fischer Drew e Floyd Seyward Lear (Chicago, 1963), p. 1-18. William J. Courtenay, “A Virgem e o Dínamo: O Crescimento dos Estudos Medievais na América (1870-1930)”, em *Estudos Medievais na América do Norte, Passado, Presente e Futuro*, ed. Francis G. Gentry e Christopher Kleinhenz (Kalamazoo, 1982), p. 5-22. Thomson menciona brevemente duas acadêmicas (Neilson e Edith Rickert) em um ensaio que detalha o trabalho de dezenas de homens medievalistas. Courtenay observa que as honras concedidas a Neilson e Coulter pela Academia Medieval reconheciam a “importância e contribuição das mulheres para os estudos medievais” (p. 19), mas além desse reconhecimento simbólico, ele não diz nada sobre a natureza da importância das mulheres ou a extensão de suas contribuições para o campo. Norman F. Cantor, em seu *Inventing the Middle Ages* (New York, 1991), inclui apenas uma mulher (Eileen Power) em sua discussão, e ela é tratada em uma seção sobre “os dissidentes, os excêntricos, os não-conformistas”.

“separados, mas iguais” na conceituação; certamente “separados e desiguais” na prática real.<sup>16</sup>

Hoje, é claro, as mulheres são mais numerosas e mais proeminentes nos estudos medievais. Só na Academia Medieval, muitas mulheres agora atuam como conselheiras da *Speculum*, conselheiras, bolsistas e até presidentes.<sup>17</sup> No entanto, embora as mulheres sejam mais bem assimiladas pelos estudos medievais na década de 1990, os estudos feministas não o são. Nenhuma equação direta liga todas as mulheres a todos os estudiosos feministas, mas certamente os estudos feministas são um tipo de trabalho particularmente associado às mulheres e particularmente importante para nós. Como resultado, à medida que as mulheres se tornaram mais influentes nos estudos medievais, promovemos as pesquisas feministas na Idade Média.

O que exatamente define esta disciplina como feminista? Esta pergunta não é fácil de responder. Por um lado, muitos definiriam todas as pesquisas sobre mulheres como feministas *ipso facto*, sejam elas explicitamente informadas pelo feminismo ou não. Esta definição ampla é particularmente pertinente para os estudos medievais, uma vez que a antipatia de alguns medievalistas em relação ao estudo das mulheres criou uma ligação recursiva entre “o estudo das mulheres medievais” e “estudos medievais feministas”. Em outras palavras, uma vez que qualquer estudo sobre mulheres medievais é condenado por muitos medievalistas como feminista, a maioria dos estudiosos que empreendem tais projetos provavelmente desenvolveu alguma consciência feminista.<sup>18</sup> Por outro lado, essa definição ecumênica apresenta dois problemas: primeiro, todos os estudos sobre mulheres não são informados pelo feminismo (na verdade, alguns estudiosos que trabalham com mulheres medievais quase certamente evitariam o rótulo de “feminista”); e, em segundo lugar, algumas estudiosas feministas focam não nas mulheres, mas em tópicos como

<sup>16</sup> Estou construindo aqui os três modelos de Alice Rossi para falar sobre igualdade: o modelo pluralista, que busca reter diferenças entre grupos enquanto espera (irrealisticamente, na visão de Rossi) por igualdade; o modelo de assimilação, que busca eliminar a desigualdade apagando as diferenças que distinguem os grupos subordinados do *mainstream* superior; e o modelo híbrido, que busca mudar todos os grupos (tanto superiores quanto subordinados) na busca pela igualdade. Ver Alice S. Rossi, “Sex Equality: The Beginnings of Ideology”, *The Humanist* 29/5 (setembro-outubro de 1969), p. 3-16. Esses modelos serão familiares a muitos leitores como aqueles usados por Natalie Davis para avaliar o efeito da Reforma nas mulheres em seu livro *City Women and Religious Change*, em *Society and Culture in Early Modern France* (Stanford, 1975), p. 65-96.

<sup>17</sup> Para a participação moderna das mulheres na Academia Medieval, consulte esta edição da *Speculum*, que relata que dois dos oito editores associados são mulheres, dois dos cinco membros do conselho editorial são mulheres e cinco mulheres estão entre os doze conselheiros.

<sup>18</sup> Esta definição ampla de bolsa feminista é talvez a mais comum. É a definição usada não apenas pelos editores do *Medieval Feminist Newsletter* (conforme relatado a mim por E. Jane Burns), mas também por Ellen DuBois e suas coautoras de *Feminist Scholarship: Kindling in the Groves of Academe* (Urbana, 111, 1987).

gênero, masculinidade e sexualidade.<sup>19</sup> Neste ensaio, tentei equilibrar essas definições concorrentes, reconhecendo a possibilidade de que todos os trabalhos sobre mulheres medievais possam ser feministas, mas focando particularmente em pesquisas explicitamente feministas.

Este ano pode marcar o centenário da pesquisa feminista na Idade Média: em 1893, Florence Buckstaff publicou um artigo explorando os direitos legais das mulheres casadas na Inglaterra medieval. Buckstaff evitou explicitamente qualquer discussão sobre o status das mulheres em seu próprio tempo, mas fez algumas críticas feministas às circunstâncias contemporâneas (ela observou, por exemplo, que, mesmo no liberal Estado da Califórnia, “os sexos não são iguais”). Nos anos subsequentes, outros medievalistas (principalmente mulheres) começaram a investigar a história das mulheres na Idade Média: Elizabeth Dixon examinando artesãs em Paris em 1895; Lina Eckenstein investigando o monaquismo feminino em 1896; Mary Bateson falando sobre mulheres em cidades inglesas em 1904; Annie Abram escrevendo sobre mulheres trabalhadoras em Londres em 1916; Eileen Power examinando conventos ingleses em 1922.<sup>20</sup>

Na década de 1990, as medievalistas feministas expandiram muito essa tradição inicial. Enquanto Buckstaff e outros estudiosos antigos geralmente estudavam as mulheres medievais como uma linha secundária de seu trabalho em assuntos mais tradicionais, muitas medievalistas feministas hoje se concentram principalmente no estudo das mulheres e do gênero. Enquanto Buckstaff e seus colegas eram poucos, mais de 350 acadêmicos hoje pertencem à Society for Medieval Feminist Scholarship [Sociedade para Bolsas Feministas Medievais].<sup>21</sup> E, enquanto o estudo das mulheres medievais era uma atividade relativamente isolada para Buckstaff e outros, os estudos

<sup>19</sup> Para discussões sobre a diferença entre a história das mulheres e a história feminista, consulte Adrienne Rich, “Resisting Amnesia: History and Personal Life”, em *Blood, Bread, and Poetry: Selected Prose, 1979-1985* (New York, 1986), p. 136-55, e meu “Feminism and History”, *Gender and History* 1 (1989), p. 251-72.

<sup>20</sup> Florence Griswold Buckstaff, “Married Women’s Property in Anglo-Saxon and Anglo-Norman Law”, *Annals of the American Academy of Political and Social Sciences* 4 (1893-94), 233-64, citação da p. 2 E. Dixon, “Craftswomen in the Livre des Métiers”, *Economic Journal* 5 (1895), 209-28; Lina Eckenstein, *Mulheres sob o Monasticismo: Capítulos sobre Saint-Lore e Convent Life entre 500 AD e 1500 AD* (Cambridge, Eng., 1896); Mary Bateson, ed., *Borough Customs*, Selden Society 18 and 21 (London, 1904 e 1906), 1: 222-30, 2: c-cxv e 102. Annie Abram, “Women Traders in Medieval London”, *Economic Journal* 26 / 2 (1916), 276-85; Eileen Power, *Medieval English Nunneries* (Cambridge, Eng., 1922), e “The Position of Women”, em: CG Crump e EF Jacobs, eds., *The Legacy of the Middle Ages* (Oxford, 1926), p. 401-33. É importante enfatizar que outras mulheres medievalistas que não publicaram sobre mulheres, como Bertha Putnam, foram consideradas feministas por seus contemporâneos. Veja suas memórias em *Speculum* conforme citado acima, n. 13.

<sup>21</sup> As assinaturas para a publicação desta sociedade, o Boletim Feminista Medieval, podem ser obtidas escrevendo para Regina Psaki, Departamento de Línguas Românicas, University of Oregon, Eugene, OR 97403 (\$ 15 para uma assinatura de dois anos nos EUA, \$ 12 para estudantes).



feministas medievais hoje geram não apenas dezenas de sessões no congresso internacional anual em Kalamazoo, mas também projetos de pesquisa de longo prazo, como o estudo de Barnard sobre “Mulheres religiosas Vida e Comunidades, 500-1500”.<sup>22</sup> Na verdade, talvez até um em cada dez medievalistas, mulheres ou homens, hoje na América do Norte se considere feminista.<sup>23</sup>

Em suma, uma boa tradição deu origem a um campo distinto e próspero. Ainda assim, bem como as mulheres medievalistas já foram apreciadas, embora marginalizadas dentro das instituições de estudos medievais, também hoje a pesquisa feminista na Idade Média floresce, mas apenas dentro de uma comunidade amplamente indiferente e, às vezes, hostil de medievalistas. Antipatia desse tipo é difícil de provar (e não desejo me alongar sobre ela), mas deixe-me apoiar essa acusação com dois tipos de evidência: colegial e institucional.

A colegialidade é, evidentemente, de vital importância para todo medievalista. Como todos os acadêmicos, derivamos grande parte de nosso posicionamento profissional de discussões em corredores e em conferências, de recomendações e referências, da ajuda de mentores e amigos. Nesse nível de pessoa a pessoa, a maioria das medievalistas feministas suporta, pelo menos ocasionalmente, os insultos e difamações (jocosos ou sérios) de colegas. Se você duvida disso, pergunte-nos. Ou, apenas para dar um exemplo, ouça o testemunho de estudantes de graduação que relataram, em 1989, que seus professores debochadamente lhes disseram que “o [f]eminismo não tem lugar nos estudos medievais” e os incentivou a evitar aulas oferecidas por uma colega que eles desprezaram como uma “mulher feminista medieval maluca”.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> Por exemplo, a convocação de artigos para o Vigésimo Sétimo Congresso Internacional de Estudos Medievais em Kalamazoo incluiu cerca de três dezenas de sessões de interesse especial para acadêmicas feministas. Para obter mais informações sobre o projeto Barnard, consulte Mary M. McLaughlin, “Looking for Medieval Women: An interim Report on the Project ‘Women’s Religious Life and Communities, AD 500-1500’”, *Medieval Prosopography* 8 (1987), p. 61-91, seu “Criando e Recriando Comunidades de Mulheres: O Caso de Corpus Domini, Ferrara, 1406-1452”, *Signs* 14 (1989), p. 293-320.

<sup>23</sup> Eu deduzi essa estimativa comparando a filiação à *Society for Medieval Feminist Scholarship* (cerca de 350 membros em 1990) com as inscrições na Academia Medieval (3.748 membros em 1990). Gostaria de agradecer a E. Jane Burns e Luke Wenger por me fornecerem informações sobre essas duas sociedades. Claro, a participação nas duas organizações nem sempre se sobrepõe, mas acho que os números, no entanto, sugerem que uma minoria significativa de medievalistas também são feministas auto identificadas.

<sup>24</sup> *Medieval Feminist Newsletter* 8 (1989), p. 5. Visto que estou citando aqui um *Report from Chapei Hill*, de Merrimon Crawford e Alison Smith, gostaria de observar duas coisas. Em primeiro lugar, não acredito que problemas como esses sejam exclusivos do meu próprio campus (e, de fato, tenho orgulho de que feministas medievalistas da UNC-CH estejam na vanguarda daqueles dispostos a articular esses problemas). Em segundo lugar, não sou, de fato, a “louca feminista medieval” que esses alunos foram encorajados a evitar. Em suma, cito este relatório como sintomático de uma tendência geral, não como um evento específico em minha própria vida.

Em um nível institucional, esse tipo de marginalização e mesmo depreciação dos estudos feministas medievais é mais fácil de rastrear. Primeiro, considere os periódicos acadêmicos. Nos vinte anos, de 1971 a 1990, *Speculum* publicou menos de um artigo por ano sobre um tópico, mesmo que remotamente ligado às mulheres. Os registros de publicação de *Mediaeval Studies e Medium Aevum* são ainda menos satisfatórios, com cerca de um artigo a cada dois anos. Neste sentido, estamos nos saindo muito pior do que nossos colegas de outras disciplinas. *PMLA* [Publicações da Associação da Linguagem Moderna] têm uma média de três a quatro artigos por ano sobre tópicos relacionados a mulheres e feminismo; a *American Historical Review* publica cerca de três, a cada dois anos.<sup>25</sup> Em segundo lugar, considere como as especialidades dos medievalistas são descritas. No Diretório de Departamentos de História de 1990-91, quase 50 medievalistas estão listados entre as principais faculdades da América do Norte. Essas listas descrevem muitos medievalistas como interessados em história política, constitucional, econômica ou intelectual, mas apenas uma sugere uma especialidade na história das mulheres medievais. Em contraste, o Diretório está repleto de historiadores em outros campos – particularmente nos Estados Unidos, mas também na Europa Moderna e no Terceiro Mundo – identificados por uma especialidade na história das mulheres.<sup>26</sup> Terceiro,

<sup>25</sup> O melhor periódico medieval que encontrei para a publicação de estudos feministas é o *Journal of Medieval History*, uma publicação relativamente nova (iniciado em 1975), que publica cerca de dois desses artigos todos os anos. É claro que todo editor só pode aceitar o que foi enviado, e é possível que *Speculum* e outras revistas medievais tenham sofrido com a percepção das feministas medievalistas de que nossos artigos não serão tratados com justiça por essas revistas. Ainda assim, os editores, é claro, podem alterar essas percepções – incluindo acadêmicas feministas entre editores e consultores, solicitando mais artigos de acadêmicas feministas e publicando edições especiais de interesse para feministas (como *Speculum* está fazendo neste caso). Cada editor teve que usar estratégias como essas para encorajar a publicação por acadêmicas feministas. Minha pesquisa sugere que os editores de periódicos medievais realizaram essa incorporação com muito menos eficácia do que os editores de periódicos de outras disciplinas.

<sup>26</sup> Eu examinei o corpo docente de vinte e um departamentos, incluindo todas as universidades que relataram treinamento de pós-graduação em estudos medievais para George Hardin Brown e Phyllis Rugg Brown em sua pesquisa “Medieval Studies Programs in North America”, em *Medieval Studies in North America*, ed. Gentry e Kleinhenz, pp. 57-80. As seguintes universidades foram consideradas em minha pesquisa: Boston College; Brown University; Universidade Católica; Cornell University; Universidade Columbia; Universidade de Connecticut; Universidade Duke; Universidade da Califórnia, Berkeley; Universidade da Califórnia, Los Angeles; Universidade da Califórnia, Santa Bárbara; Universidade de Harvard; Universidade de Michigan; Université de Montréal; Universidade de Princeton; Universidade de Notre Dame; Universidade da Pensilvânia; Universidade de Stanford; Universidade de Toronto; Western Michigan University; Universidade de Wisconsin-Madison; e a Universidade de Yale. Monica Green, professora assistente da Duke, identificou seus interesses como “medievais, medicina, mulheres”. Ver Diretório de Departamentos e Organizações de História nos Estados Unidos e Canadá, 1990-91, ed. John Barnett (Washington, D.C., 1990), p. 132. É interessante notar que vários estudiosos que publicaram na história das mulheres – Caroline Bynum, Sharon Farmer e Ruth Karras – não são identificados com esta especialidade nesta edição do Diretório. Minha própria identificação (“mulheres européias”) erra na outra direção, afirmando minha erudição feminista, mas não minha experiência em estudos medievais. Como acontece com minha pesquisa de periódicos, esses dados sobre as especializações dos medievalistas são sugestivos, não definitivos. As atribuições no Diretório não são gravadas em pedra, mas, em vez disso,

considere o emprego. Entre 1989 e 1991, os alunos que concluíram o doutorado em história medieval buscaram quase três dezenas de oportunidades de emprego. Em anúncios para essas posições, muitas preferências foram declaradas (por exemplo, especialização em edição textual, historiografia, história da Inglaterra), mas apenas uma posição deu uma vantagem especial a candidatos interessados na história das mulheres medievais. Ao mesmo tempo, literalmente, dezenas e dezenas de anúncios eram veiculados para especialistas em história da mulher nos Estados Unidos, na Europa moderna ou no Terceiro Mundo.<sup>27</sup>

Para esses índices institucionais do estado da pesquisa feminista nos estudos medievais, confiei particularmente nas informações sobre os estudos medievais dentro de minha própria disciplina de história, mas nada sugere que a história medieval seja pior em seu tratamento dos estudos feministas do que a literatura medieval ou história da arte medieval ou qualquer outro ramo dos estudos medievais. Como medievalistas, todas nós compartilhamos um estado curioso: nosso campo tem um histórico excepcionalmente distinto de acomodação de mulheres, mas também é (des)distinto de outros campos acadêmicos por não incorporar a nova pesquisa feminista das últimas décadas. Como chegamos a esse impasse?

Pelo menos parte da resposta está, acredito eu, em nossa própria história, pois nosso passado ilustre moldou nosso presente menos ilustre. A chave pode ser encontrada no antigo modelo de marginalização pluralista das mulheres medievalistas. Como vimos, muito antes de outros campos se abrirem para as mulheres, os estudos medievais recebiam bem as acadêmicas, mas nos acomodavam marginalmente: as mulheres estavam no campo, mas mantidas separadas e desiguais dos homens. Ao que parece, essa tradição moldou as maneiras pelas quais os estudos medievais trataram mais recentemente os estudos feministas. Enquanto outras disciplinas, sem uma forte tradição de pesquisas

---

derivam de várias fontes - autoidentificação, sem dúvidas, mas também, diretrizes de cadeiras departamentais ou determinações de secretárias. Eu argumentaria, no entanto, que todas as atribuições no Diretório são determinadas por essas formas idiossincráticas e que a comparação geral dos historiadores medievais com outros historiadores é particularmente reveladora: no Diretório, a história medieval se destaca de outros campos da história como particularmente intocada por bolsa de estudo feminista.

<sup>27</sup> Extraí esses dados do “Employment Information Bulletin”, publicado no boletim informativo da A.H.A., *Perspectives*, entre maio / junho de 1989 e maio / junho de 1991 inclusive (vols. 27/5 a 29/5). Em dezembro de 1989, a *Queen's University em Kingston*, Ontário, procurou um medievalista em um anúncio que incluía a seguinte declaração excepcionalmente provisória da especialidade desejada: “Embora os candidatos de todos os campos da história medieval sejam fortemente encorajados a se candidatarem, um interesse ou competência de ensino em alguma área da história das mulheres seria, em circunstâncias específicas, considerado um trunfo.” Fico feliz em informar que uma historiadora das mulheres medievais (Monica Sandor) foi nomeada para esta posição.

feministas, integraram as mulheres e essas pesquisas em suas fileiras desde os anos 1970, os estudos medievais ficaram para trás, estendendo às medievalistas feministas apenas a aceitação marginalizada que por tanto tempo serviu para as mulheres medievalistas. Se minha suposição estiver correta, cometemos um erro compreensível, mesmo assim um erro. Pois, em vez de ser um aspecto marginal dos estudos medievais, a pesquisa feminista incorpora algumas das melhores tradições de nosso campo.

Melhores tradições? Quem define o que é uma “tradição” e o que é “melhor” dela? Voltemos à própria *Speculum* como nossa árbitra. Nos 67 anos de sua história de publicação, *Speculum* ofereceu a seus leitores um punhado de artigos especiais refletindo sobre a natureza, os objetivos e os desafios dos estudos medievais. Em 1941, enquanto a guerra ameaçava grande parte do mundo, C. H. McIlwain falou na reunião anual da Academia Medieval sobre a importância das “Instituições Medievais no Mundo Moderno”. Seus comentários foram publicados na *Speculum*, no final daquele ano. McIlwain, que estava se aproximando da aposentadoria após uma carreira distinta como historiador constitucional em Harvard, falou com emoção sobre a “crueldade e selvageria desumana” dos eventos na Europa e tentou extrair deles novos insights sobre a “limitação da autoridade governamental pelo direito privado” na Europa medieval.<sup>28</sup>

Sob a sombra do Macarthismo, uma década depois, *Speculum* publicou mais dois ensaios sobre o estado dos estudos medievais. Em 1952, E. N. Johnson discursou em um jantar conjunto da *American Historical Association* e da *Medieval Academy* sobre o assunto “Medievalistas Americanos e Hoje”. Johnson, um professor da Universidade de Nebraska, que foi especialmente conhecido por seus livros sobre a Europa medieval e a civilização ocidental, falou de seu “desespero doentio” com os ataques à liberdade acadêmica e sua infeliz descoberta de que a *Speculum* em particular e medievalistas em geral estavam falhando em “relacionar o medieval com a cena contemporânea” (ou, como ele disse sarcasticamente mais tarde, foram em grande parte “imaculados pelo pecado da contemporaneidade”).<sup>29</sup> Em 1955, Barnaby C. Keeney, que logo depois disso seria eleito presidente da Brown University, falou em outro jantar da Academia Medieval sobre o assunto “Um cavalo morto açoitado novamente”. Keeney, que chegou a presidir o Conselho Nacional de Humanidades no final dos anos 1960, castigou os humanistas em

<sup>28</sup> C. H. McIlwain, “Mediaeval Institutions in the Modern World”, *Speculum* 16 (1941), p. 275-83.

<sup>29</sup> E. N. Johnson, “American Mediaevalists and Today”, *Speculum* 28 (1953), p. 844-54.

geral e os medievalistas em particular pela aridez de nossa pesquisa e ensino: “não contentes em aborrecer nossos alunos, nós também nos aborrecemos”.<sup>30</sup>

Talvez significativamente, nenhuma reflexão semelhante foi publicada pela *Speculum* durante a turbulência dos anos 1960 ou durante os anos 1970 e 1980 mais complacentes. Então, após um silêncio de trinta e cinco anos de críticas, *On the Margin*, de Lee Patterson, em 1990, novamente nos desafiou a pensar seriamente sobre as estruturas intelectuais e os valores da erudição medieval. O ensaio de Patterson (o único ensaio em nosso grupo que não se originou em um discurso de jantar) questionou claramente o paradigma interdisciplinar no cerne dos estudos medievais. Na visão de Patterson, recuamos para um enclave isolado e marginalizado de estudos medievais, um campo agora visto por outros estudiosos como “um local de pedantismo e antiquarismo”.<sup>31</sup>

Claramente, esses ensaios se enquadram em um único gênero: críticas exortativas dos estudos medievais. Lamentando o estado de nosso campo, McIlwain, Johnson, Keeney e Patterson nos incentivaram a revisar nossas práticas de maneiras bastante específicas. O que eles dizem não pode ser tomado como representativo de práticas reais ou valores comuns e, na verdade, eles parecem falar, ao mesmo tempo, tanto das margens quanto do centro dos estudos medievais. Por um lado, seus ensaios podem ser interpretados como murmúrios ignorados de descontentes. Certamente, se todos os medievalistas tivessem concordado com McIlwain, em 1941, e colocado suas ideias em prática, Johnson, Keeney e Patterson não teriam muito que criticar mais tarde.

Por outro lado, seus ensaios parecem constituir uma longa e distinta tradição de autocrítica dentro dos estudos medievais. Visto que McIlwain, Johnson, Keeney e Patterson são, afinal, os únicos críticos que mereceram espaço nas páginas da *Speculum*, os editores de nossa revista emblemática devem ter determinado que suas ideias fossem particularmente significativas e louváveis.<sup>32</sup> Em suma, embora esses ensaios possam não

<sup>30</sup> Barnaby C. Keeney, “A Dead Horse Flogged Again”, *Speculum* 30 (1955), p. 606-11.

<sup>31</sup> Lee Patterson, “On the Margin: Postmodernism, Ironic History, and Medieval Studies”, *Speculum* 65 (1990), p. 87-108.

<sup>32</sup> Excluí endereços presidenciais de meu pool por dois motivos. Primeiro, esses endereços são, em certo sentido, “publicações de comando”. Uma vez que o editor de *Speculum* não tem escolha a não ser publicá-los, as opiniões aqui expressas não carregam a mesma aprovação dos ensaios escolhidos para publicação. Em segundo lugar, muito poucos discursos presidenciais refletiram sobre o estado dos estudos medievais (e nenhum forneceu o tipo de crítica sustentada oferecida por McIlwain et al.). No entanto, na medida em que os presidentes anteriores consideraram os assuntos tratados a seguir em seus discursos perante a Academia Medieval, tentei anotar suas opiniões em notas de rodapé. Milton McC. As rumações recentes de Gatch sobre “The Medievalist and Cultural Literacy”, *Speculum* 66 [1991], p. 591-604, surgiram depois que este ensaio foi concluído e seu foco na educação per se torna, em qualquer caso, uma correspondência



representar as práticas ou ideias da maioria dos medievalistas (do passado ou do presente), eles representam uma tradição distinta em nosso campo, uma tradição expressa por eminentes estudiosos e sancionada por repetidas publicações na *Speculum*.

O que, então, esses estudiosos têm a dizer sobre os estudos feministas? Em termos diretos, muito pouco. Que eu saiba, nenhuma das autoras desses ensaios foi feminista entusiasta e, desde que McIlwain, Johnson e Keeney escreveram antes da década de 1960, apenas Patterson foi capaz de abordar diretamente o trabalho atual de acadêmicas feministas. No entanto, ao ler todos esses ensaios, eles indiretamente, mas substancialmente, apoiam os estudos feministas. Na verdade, as qualidades que McIlwain, Johnson, Keeney e Patterson expuseram como as ideias de nossa profissão são as próprias características dos estudos feministas que ofendem tantos medievalistas hoje. Deixe-me explicar.

Um dos aspectos mais ameaçadores da pesquisa feminista tem sido seu ataque ao positivismo, à ideia de que qualquer acadêmico pode descobrir a “verdade” sobre o passado. Revelando o caráter centrado no homem de muitas das chamadas pesquisas “objetivas” e “livres de valores”, as feministas questionaram a objetividade não apenas de acadêmicos anteriores, mas também de nós mesmas. Argumentamos que todo acadêmico trabalha dentro de uma estrutura inescapável de experiência, atitudes, treinamento e política, uma estrutura que inevitavelmente afeta qualquer produto. Dado esse contexto inescapável, a “verdade” é simplesmente inatingível - um falso deus que muitas vezes protegeu o preconceito e o julgamento pobre. Essa rejeição do ideal positivista não é peculiar ao feminismo; tem um longo e distinto pedigree intelectual e uma presença contemporânea muito difundida no movimento pós-modernista.<sup>33</sup> Embora, talvez mais claramente aparente em obras de história interpretativa do que em estudos filológicos ou antiquários, a situação do autor, argumentam feministas e muitos outros, está sempre presente. Podemos almejar a verdade, mas também devemos reconhecer que inevitavelmente ficaremos aquém de nosso objetivo. Entre medievalistas feministas, tanto o questionamento da ortodoxia anterior, quanto a afirmação dos julgamentos inevitáveis

---

pobre com as questões mais amplas por McIlwain, Johnson, Keeney e Patterson. Gostaria, no entanto, de chamar a atenção para a tentativa de Gatch de defender a história das mulheres (p. 598-600).

<sup>33</sup> Entre os historiadores, esse assunto tem recebido muita atenção recentemente na esteira de *That Noble Dream: The "Objectivity Question"* e da American Historical Profession, de Peter Novick (Nova York, 1988). Veja também um fórum recente sobre este livro publicado em *American Historical Review* 96 (1991), p. 675-708. Para estudiosos da literatura, as melhores discussões recentes podem ser encontradas em Lee Patterson, *Negotiating the Past: The Historical Understanding of Medieval Literature* (Madison, Wis., 1987), esp. capítulos 2 e 3.

inerentes às pesquisas foram relativamente brandos; é talvez mais visível em estudos que sugerem que muitos dos movimentos “progressivos” da Idade Média - o renascimento carolíngio e a reforma gregoriana são bons exemplos - podem ter sido muito menos progressivos para as mulheres do que para os homens.<sup>34</sup>

O que nossos árbitros – os autores das críticas selecionadas da *Speculum* às pesquisas medievais – têm a dizer sobre a capacidade dos estudiosos de lançar um “olhar inocente” sobre o passado? McIlwain concedeu o ponto inteiramente, observando que nossa compreensão da Idade Média “será afetada por nosso temperamento, nossas tradições e nossos estudos peculiares”.<sup>35</sup> Johnson concordou, afirmando claramente que “não há uma verdade histórica final a ser destilada de nossos documentos”.<sup>36</sup> Keeney também hesitou neste ponto, argumentando contra o ideal da pesquisa sem valores nas humanidades, lamentando a “imitação melancólica dos cientistas por humanistas” e condenando a pesquisa em que “o passado às vezes foi apresentado com uma certeza que é em si imprecisa por sua própria natureza”.<sup>37</sup> Patterson também rejeitou o que chamou de “positivismo antiquado” dos estudos medievais, observando que “aqueles que escrevem história, fazem história”.<sup>38</sup> Em suma, ao questionar a busca pela verdade e afirmar a situação de todos os estudiosos, as feministas não estão introduzindo uma nova heresia na pura ortodoxia do medievalismo; em vez disso, as feministas estão simplesmente colocando em prática um princípio que alguns medievalistas há muito aceitaram e que outros medievalistas há muito foram persuadidos a adotar.<sup>39</sup>

<sup>34</sup>Ver, por exemplo, Suzanne Fonay Wemple, *Women in Frankish Society* (Philadelphia, 1981), e Brenda Bolton, “Mulieres Sanctae”, em *Women in Medieval Society*, ed. Susan Mosher Stuard (Filadélfia, 1976), p. 141-58. O estudo clássico desse gênero vem da Renascença; veja Joan Kelly, “Did Women Have a Renaissance?” (1977), reimpresso em *Women, History and Theory* (Chicago, 1984), p. 19-50.

<sup>35</sup> McIlwain, p. 276.

<sup>36</sup> Johnson, p. 846

<sup>37</sup> Keeney, p. 611.

<sup>38</sup> Patterson, p. 103;106-7.

<sup>39</sup> Encontrei uma voz possivelmente dissidente entre os ex-presidentes da Academia Medieval. Em seu discurso presidencial em 1977, Paul Oskar Kristeller exortou os medievalistas a se prepararem para fazer sacrifícios pela “busca pela verdade (“*Medieval and Renaissance Studies: Reflections of a Scholar*,” *Speculum* 52 [1977], p. 1-4). Cerca de uma década depois, no entanto, outro presidente da Academia Medieval, Eleanor Searle, observou que os estudiosos podem apenas aproximar a verdade e que “o senso de configuração e significância de qualquer acadêmico dependerá fortemente de sua própria visão de mundo” (“Possível História”, *Speculum* 61 [1986], p. 779-86). Talvez seja importante notar que mesmo EK Rand, em seu prefácio introdutório à primeira edição da *Speculum*, reconheceu que a erudição medieval foi moldada por “nuances de crença ou ponto de vista (“Prefácio do Editor”, *Speculum* 1 [1926], p. 4). Gostaria de enfatizar que a rejeição do positivismo não exige nenhum tipo extremo de relativismo. Ao mesmo tempo em que estudiosas feministas e outros argumentam que existem muitas “histórias possíveis” (para usar a frase de Searle), eles também reconhecem que existem outras “histórias impossíveis”.

Muitos medievalistas também nutrem uma aversão arrogante aos estudos de inspiração política na Idade Média. O feminismo é um movimento político muito amplo, mas certamente todas as acadêmicas feministas trazem para o nosso trabalho uma aspiração política básica: a esperança de que mulheres e homens possam fazer um trabalho melhor no futuro compartilhando recursos humanos e responsabilidades. Essa é, eu acho, uma aspiração muito comum. Poucos dos meus alunos se autodenominam feministas, mas quase todos esperam que as mulheres formadas tenham as mesmas oportunidades que os homens formados de viver uma vida saudável, segura, próspera e satisfatória. A maioria dos pais espera o mesmo para nossas filhas e para nossos filhos<sup>40</sup>. Em qualquer caso, o que os medievalistas mais temem dos estudos de inspiração política é, eu acho, que eles vão ditar um esquema interpretativo rígido, o que McIlwain chamou de um “padrão pronto”.<sup>41</sup> Certamente isso não aconteceu.

Algumas medievalistas feministas argumentam que a Idade Média foi um ponto alto para as mulheres, uma época em que as mulheres desfrutavam de mais oportunidades e status mais elevado do que na era moderna; outros argumentam que pouco mudou no status das mulheres da era medieval para a era moderna<sup>42</sup>. Algumas estudiosas feministas retratam as mulheres medievais como agentes ativos que, apesar de alguns obstáculos, afirmaram um controle considerável sobre suas vidas e destinos; outros tendem a ver as mulheres medievais como vítimas cujas vidas foram sempre circunscritas por restrições patriarcais<sup>43</sup>. Algumas feministas culpam a igreja por promover ideias misóginas sobre as mulheres; outros elogiam a igreja por oferecer às freiras alguma medida de educação, respeito e autonomia<sup>44</sup>. E algumas estudiosas feministas chamam Christine de Pisan de

<sup>40</sup> Acho que a diferença entre muitas feministas e nenhuma feminista pode ser menos uma diferença de aspiração e mais uma diferença de avaliação. Feministas tendem a avaliar a posição atual das mulheres - por exemplo, a possibilidade de que nossas filhas tenham as mesmas chances que nossos filhos - de forma muito pessimista. As não feministas tendem a avaliar a relação atual entre os sexos de forma muito mais positiva. Por exemplo, Geoffrey Elton, um estudioso que parece estar construindo sua carreira nos últimos dias atacando os estudos feministas, chegou ao ponto de afirmar que “a maioria das pessoas tem preconceito em favor das mulheres” (veja a entrevista publicada no *National Humanities Center Newsletter* 10 / 3-4 [1989], p. 3). Eu gostaria de direcionar aqueles inclinados a concordar com Elton sobre o recente relatório das Nações Unidas sobre as Mulheres do Mundo, 1970-1990: Tendências e Estatísticas (Nova York, 1991).

<sup>41</sup> McIlwain, p. 277.

<sup>42</sup> Por exemplo, veja as discussões deste debate historiográfico em termos do mundo das mulheres em: “History That Stands Still: Women’s Work in the European Past”, *Estudos Feministas* 14 (1988), p. 269-83, e “Medieval Women, Modern Women: Across the Great Divide”, em *Culture and History, 1350-1600: Essays on English Communities, Identities and Writing*, ed. David Aers (Londres, 1992), p. 147-75.

<sup>43</sup> Compare, por exemplo, as diferentes interpretações religiosas encontradas em: Jane Schulenburg, “Heroics of Virginity: Brides of Christ and Sacrificial Mutilation”, em *Women in the Middle Ages and the Renaissance*, ed. Mary Beth Rose (Syracuse, N.Y., 1986), p. 29-72, e Caroline Walker Bynum, *Holy Feast and Holy Fast: The Religious Significance of Food to Medieval Women* (Berkeley, 1987).

<sup>44</sup> As diferentes interpretações de Schulenburg e Bynum ilustram novamente este ponto.

feminista; outros argumentam que esse termo é anacrônico.<sup>45</sup> Esses exemplos poderiam ser multiplicados quase infinitamente, mas a questão é simples: o feminismo levou os estudiosos a olhar para a Idade Média de novas maneiras, mas não ditou o que descobrimos ou como descrevemos nossas descobertas.<sup>46</sup>

As políticas feministas também não minoram o desinteresse fundamental da pesquisa medieval. Como uma feminista medievalista, eu respeito as possibilidades e limitações de minhas fontes. Abordo as pessoas mortas e diferentes da Idade Média com o que Ruth Roach Pierson chamou recentemente de uma “humildade epistêmica” essencial; e eu nunca manipularia minhas descobertas de pesquisa para atender às preocupações atuais.<sup>47</sup> No entanto, sou mais do que um antiquário, mais do que um repórter de fatos recentemente descobertos. Também sou uma historiadora, uma intérprete dos fatos, tal como os encontro. Em seus aspectos interpretativos, meu trabalho necessariamente reflete minha política feminista, assim como as interpretações de todos os historiadores refletem suas visões políticas. Tácito ensinou que o primeiro dever dos historiadores era ajudar as pessoas a se lembrarem de “ações virtuosas” e abominar “palavras e ações más”.<sup>48</sup>

Para conseguir isso, os historiadores devem exercer o julgamento (o que é virtuoso? O que é mau?). E os julgamentos diferem, entre outras coisas, das crenças políticas dos juízes. Talvez Adrienne Rich tenha afirmado melhor a inevitabilidade dos julgamentos políticos e morais na escrita da história: “a história feminista...é, de fato, política, como os chefes de departamento e os reitores das artes liberais suspeitam. O mesmo, claro, é a história dos homens brancos, contada por eles mesmos, política, tendo a ver com a retenção do poder”.<sup>49</sup>

<sup>45</sup> Joan Kelly, “Early Feminist Theory and the Querelle des Femmes”, *Signs* 8 (1982), p. 4. Susan Schibanoff, “Comment on Kelly's 'Early Feminist Theory and the Querelle des Femmes'”, *Signs* 9 (1983), p. 320-26. Beatrice Gottlieb, “The Problem of Feminism in the Fifteenth Century”, em *Women of the Medieval World*, ed. Julius Kirshner e Suzanne F. Wemple (Oxford, 1985), p. 337-64. Sheila Delany, “Mothers to Think Back Through : Who Are They? The Ambiguous Example of Christine de Pizan”, em *Medieval Texts & Contemporary Readers*, ed. Laurie A. Finke e Martin B. Shichtman (Ithaca, N.Y., 1987), p. 177-200.

<sup>46</sup> Para uma introdução a algumas das muitas variedades de teoria feminista, ver Rosemarie Tong, *Feminist Thought: A Comprehensive Introduction* (Boulder, Colorado, 1989).

<sup>47</sup> Ruth Roach Pierson, “Experience, Difference, Dominance and Voice in the Writing of Canadian Women's History”, em *Writing Women's History*, ed. Karen Offen, Ruth Roach Pierson e Jane Rendall (Bloomington, Ind., 1991), p. 79-106.

<sup>48</sup> Tacitus, *Annals* 3, p.65.

<sup>49</sup> Rich, *Resisting Amnesia* (acima, n. 18), p. 149. Rich concordou com Tácito sobre a importância de registrar o que é ruim e o que é bom, dizendo: “e se levamos a sério o empoderamento das mulheres e a mudança das próprias definições de poder, precisamos saber o pior e o melhor”. Gostaria de enfatizar que o que distingue estudiosos marxistas, progressistas e feministas de outros medievalistas aparentemente apolíticos é meramente que somos mais explícitos sobre nossa política. Se concordarmos com Eleanor

A política do feminismo, em suma, trouxe aos estudos medievais uma preocupação atual que inspirou novas pesquisas e diversas interpretações; não promoveu estudos doutrinários nem tendenciosos. Claro, muitos medievalistas também objetariam até mesmo à relevância da erudição feminista, ao “pecado da contemporaneidade”.<sup>50</sup> No entanto, os comentaristas da *Speculum*, sobre o estado dos estudos medievais, não concordariam. Em 1941, McIlwain buscou como objetivo principal de seu discurso estabelecer algum tipo de ligação entre o presente e o passado. Falando um tanto provisoriamente e obtendo o apoio de Aristóteles e Maitland, McIlwain sugeriu “a possibilidade de que os eventos, mesmo os de hoje, podem ou devem afetar nossa interpretação de uma época tão distante de nós quanto a Idade Média”.<sup>51</sup> Ele aplicou esse princípio à história constitucional; medievalistas feministas de hoje estão fazendo exatamente o mesmo em nossos estudos sobre mulheres e homens na Idade Média. Durante a era McCarthy, Johnson e Keeney falaram ainda mais diretamente sobre a importância das preocupações atuais nos estudos medievais.

Johnson afirmou como uma premissa de seu argumento (uma premissa que, suponho, ele esperava que a maioria de seus leitores aceitasse prontamente) que “a história é a interpretação do passado que uma determinada geração precisa para ajudar a enfrentar as crises contemporâneas”.<sup>52</sup> Keeney afirmou a importância dos estudos medievais argumentando que “talvez não haja outra época que possa ser de aplicação mais direta aos problemas do presente”.<sup>53</sup> E Patterson, nosso único comentarista a escrever explicitamente sobre medievalistas feministas, elogiou “o senso de conexão

---

Searle (conforme citado no n. 38) que “o senso de configuração e significância de qualquer acadêmico individual dependerá fortemente de sua própria visão de mundo”, devemos aceitar que todos nós trazemos pontos de vista com importância política para nosso trabalho. Como Allan Pred recentemente colocou, “Por meio de sua seleção de categorias e ênfases, mesmo os oponentes mais veementes da investigação histórica informada por teoria não podem evitar a construção de seus estudos sobre uma teoria implícita de como o mundo funciona em um determinado ambiente” (*Place, Practice e Structure: Social and Spatial Transformation in Southern Sweden: 1750-1850* [Totowa, NJ, 1986], p. 2); meus agradecimentos à Karen Wigen por chamar minha atenção para este livro). A inevitabilidade da presença tanto da teoria quanto da política no trabalho histórico foi sublinhada recentemente em uma polêmica sobre a Guerra Civil Inglesa que coloca John Adamson (um estudioso treinado por Geoffrey Elton, talvez o defensor mais vocal da possibilidade de encontrar a “verdade” nos arquivos) contra Mark Kishlansky. Como Lawrence Stone resumiu recentemente o debate, o que “deixa muito claro é que a crença de Sir Geoffrey em mentes puras e abertas, imaculadas pela ambição ou ideologia, indo para os arquivos e emergindo com a ‘verdade’, não tem relação com a realidade”. Para as observações de Stone, consulte o *Times Literary Supplement* (31 de janeiro de 1992), p. 3 (veja também as questões subsequentes do TLS para respostas aos comentários de Stone).

<sup>50</sup> Johnson, p. 844. Johnson, claro, estava sendo sarcástico.

<sup>51</sup> McIlwain, p. 278.

<sup>52</sup> Johnson, p. 846.

<sup>53</sup> Keeney, p. 609.



[entre o passado e o presente] que dá urgência ao seu trabalho”.<sup>54</sup> Consequentemente, ao se inspirar em um compromisso crítico entre as preocupações do presente e os vestígios do passado, medievalistas feministas estão trabalhando dentro de uma tradição intelectual de estudos medievais que é longa e distinta.

Como as estudiosas feministas buscaram parte de nossa inspiração em um movimento de massa bastante separado da academia, nosso trabalho também é às vezes descartado como moderno e popular. No entanto, certamente, os estudos feministas na Idade Média, atingindo talvez seu centésimo aniversário este ano, estão pouco na moda. Quanto à denúncia de popularização, ouça especialmente os nossos árbitros dos anos 1950. Johnson sugeriu, em 1953, que “alguns de nós abandonamos, pelo menos por enquanto, nossos programas de pesquisa esotérica e nos dedicamos a uma reescrita da história medieval que ajudará a resolver os principais problemas de hoje”.<sup>55</sup> E ele aconselhou com bastante franqueza que “nós teremos de escrever para um público amplo, popular, até mesmo de banca de jornal, e com todas as adaptações que tal público irá exigir, por mais difíceis ou desconfortáveis que sejam”.<sup>56</sup> Keeney, em 1955, foi ainda mais explícito sobre as falhas dos estudiosos das humanidades em se comunicarem com o público em geral de uma forma significativa:

Lamentarei sua preocupação com o obscuro e amaldiçoarei sua evitação de coisas que são importantes e, portanto, interessantes. Apontarei com desprezo seu desprezo pela inteligibilidade, pela comunicação com o público leigo e por sua falta de interesse na síntese, e lamentarei por sua dissecação geral. Devo lamentar sua evasão acadêmica de julgamentos de valor e ética. (p. 606)

Na medida em que as medievalistas feministas responderam a um público mais amplo, temos feito exatamente o que Johnson e Keeney aconselharam a uma geração anterior; temos tornado a Idade Média mais pertinente e mais acessível a mais pessoas.<sup>57</sup>

<sup>54</sup> Patterson, p. 107.

<sup>55</sup> Johnson, p. 847.

<sup>56</sup> Johnson, p. 854.

<sup>57</sup> Em seus discursos presidenciais, Kristeller e Searle falaram contra esse ponto. Kristeller argumentou que “a aquisição e o aumento do conhecimento são intrinsecamente valiosos e são o coração de nossa empresa” (p. 3). Como o discurso presidencial de Kristeller parece ter discordado de nossos comentaristas em duas questões cruciais (verdade e relevância), pode valer a pena notar que ele também exortou os medievalistas a acolherem novos estudos (entre os quais, espero, ele incluiria bolsas feministas). Ele aconselhou que os medievalistas estabelecidos “não deveriam ser dogmáticos sobre seus campos e teorias, mas tolerantes com outros assuntos e abordagens” (p. 3). Em seu discurso presidencial, Searle falou explicitamente contra a noção de que os medievalistas deveriam buscar um público mais amplo: “Quanto a mim, não sinto a responsabilidade de agradar aos vivos, entretê-los ou melhorá-los. Não pretendo falar com meus contemporâneos, exceto com meus colegas” (p. 779;786).

Como acadêmica feminista, é difícil para mim reconstruir completamente o que pode ofender alguns medievalistas sobre a pesquisa feminista. Ainda assim, espero ter apresentado as principais objeções de maneira justa, e espero ter mostrado que muito do que incomoda *prima facie* muitos medievalistas sobre a erudição feminista é, na verdade, inócuo, benéfico e até mesmo totalmente desejável. Não pretendo sugerir que os autores dos poucos ensaios da *Speculum* sobre o estado dos estudos medievais fossem feministas, e não quero sugerir que esses homens falaram por todos os medievalistas, do passado ou do presente. Se nada mais, a repetição de temas das décadas, de 1940 e 1950, no ensaio de Patterson, de 1990, indica que por mais que os medievalistas possam ser estimulados e provocados por essas críticas, muitos de nós mudamos muito pouco.

Muitos medievalistas ainda aspiram ao “nobre sonho” da pesquisa objetiva; muitos ainda acreditam que é mais apropriado evitar todo compromisso entre as preocupações atuais e nosso trabalho acadêmico; muitos ainda escrevem exclusivamente para nossos colegas acadêmicos. No entanto, essas não são as únicas tradições dos estudos medievais, nem mesmo as mais eminentes tradições dos estudos medievais. Por décadas, estudiosos ilustres abraçaram outras ideias, ideias que buscam se envolver ativamente com as maneiras pelas quais o presente interfere em nossas visões do passado. Rastreei essa tradição nas críticas de McIlwain e seus colegas, mas ela existiu na prática e na teoria – na obra, por exemplo, de distintos medievalistas como Eileen Power, Marc Bloch e Rodney Hilton.<sup>58</sup> Quando nos lembramos dos argumentos de McIlwain et al. e o trabalho de Power et al., lembramos uma longa e orgulhosa história de medievalistas que buscaram um compromisso entre o passado e o presente. Medievalistas feministas fazem parte dessa tradição.

Com base nessa tradição, medievalistas feministas já mudaram substancialmente os estudos medievais e irão mudá-los ainda mais no futuro. Para onde os estudos feministas conduzirão os estudos medievais no século XXI? Certamente, os estudos

---

<sup>58</sup> Como Patterson observou em seu artigo, os estudos literários medievais também ostentam uma longa tradição de acadêmicos cujos compromissos políticos aumentaram sua bolsa de estudos. Os exemplos de Patterson são de “velhos filólogos” com motivação política (p. 107). Claro, a política de alguns medievalistas agora nos parece repugnante, particularmente aqueles que apoiaram o regime nazista. Eu argumentaria, entretanto, que tais estudiosos não estavam errados em se ocupar do passado e do presente; eles estavam simplesmente (e terrivelmente) errados em sua política. Com essas exceções de lado, a política de muitos medievalistas do passado pode parecer, à distância, muito mais mansa e aceitável do que a política dos medievalistas feministas dos anos 1990. No entanto, a diferença é mais de perspectiva do que de tipo. Espero que algum dia a defesa da igualdade de oportunidades para as mulheres pareça tão comum e admirável quanto hoje parecem ser as opiniões daqueles que se opuseram ao nazismo ou se opuseram ao macarthismo ou apoiaram os direitos civis. Acadêmicas feministas praticam uma política inclusiva dirigida aos interesses comuns de mulheres e homens.

feministas na Idade Média continuarão a transformar os próprios estudos medievais, ajudando a criar uma compreensão mais completa e matizada da vida e da cultura medievais. Ainda assim, também espero que ajudemos a direcionar os estudos medievais de volta ao presente, de volta ao engajamento crítico não apenas com questões e públicos contemporâneos, mas, também, com nossos colegas não medievalistas. Medievalistas feministas já romperam as paredes do “enclave medieval” para alcançar outros estudiosos; esperemos que essas paredes desmoronem totalmente nos próximos anos. Em qualquer caso, o medievalismo feminista tem dois campos de jogo no presente e para o futuro: estudos medievais (onde medievalistas feministas estão enriquecendo nossas possibilidades empíricas e interpretativas) e pesquisas em geral (onde medievalistas feministas estão despertando um interesse geral na Idade Média)

Nos próprios estudos medievais, não pode haver dúvida de que a pesquisa realizada por acadêmicas feministas acrescentou de maneira substancial ao nosso *corpus* de informações sobre a Idade Média. Considere, para apenas um exemplo, a história do monaquismo medieval na Inglaterra. Nas décadas de 1940 e 1950, David Knowles ignorou quase inteiramente as freiras em seu estudo de três volumes sobre o monaquismo inglês, alegando em sua defesa que ele não poderia estudar mulheres porque simplesmente não havia informações existentes sobre o monaquismo feminino:

Na verdade, registros íntimos ou detalhados dos conventos são quase inteiramente inexistentes durante todo o período entre c. 1200 e a Dissolução. O historiador religioso da Inglaterra medieval não pode deixar de observar, em todos os séculos após o décimo primeiro, a ausência de qualquer figura santa ou dominante de mulher em cena.<sup>59</sup>

Knowles estava errado e ele deveria saber que estava errado. Mais de 20 anos antes de apresentar sua desculpa, Eileen Power já havia provado que era bastante falacioso, usando extensa documentação para produzir seus conventos ingleses medievais. E nos anos mais recentes, estudiosos como Janet Burton, Sharon Elkins, Marilyn Oliva e Sally Thompson também encontraram nos arquivos o que Knowles

---

<sup>59</sup> David Knowles, *The Religious Orders in England, 2: The End of the Middle Ages* (Cambridge, Eng., 1955), p. viii. Deixe-me adicionar duas advertências. Primeiro, Knowles admitiu que poderia ser possível “depois de um longo curso de pesquisa” reconstruir as histórias econômicas e sociais dos conventos, mas não suas circunstâncias espirituais. Devemos notar, entretanto, não apenas o esforço que Knowles despendeu nas histórias econômicas e sociais das casas religiosas masculinas, mas também as informações espirituais sobre as religiosas que os autores citados abaixo descobriram. Em segundo lugar, Eileen Power provavelmente teria concordado com Knowles sobre a ausência de mulheres santas na Inglaterra do final da Idade Média. Ainda assim, é muito revelador que Knowles nunca tenha listado os conventos medievais ingleses de Power em nenhuma das extensas bibliografias que acompanharam seu estudo de três volumes.

descartou como impossível de ser encontrado – extensas evidências sobre as instituições, vidas e experiências religiosas de freiras inglesas medievais.<sup>60</sup>

O que aconteceu neste caso específico foi duplicado em dezenas de diferentes áreas dos estudos medievais; informações sobre mulheres que os estudiosos uma vez proclamaram simplesmente irrecuperáveis foram buscadas, recuperadas e relatadas por estudiosas feministas. Na disciplina de história, esse processo produziu o que muitas vezes agora é chamado de “*herstory*”, uma coleção de novas informações sobre as mulheres que validou a afirmação de que as mulheres são sujeitos legítimos de investigação histórica. Nos estudos literários e artísticos, esse processo expandiu o cânone, editando, antologizando, traduzindo e trazendo à tona as obras criativas de mulheres medievais.<sup>61</sup> E, ao longo dos estudos medievais, esse processo revitalizou a pesquisa, à medida que medievalistas feministas desenvolveram novos métodos de investigação em arquivos, extraíram novos tipos de informação de fontes antigas e pesquisaram novos documentos e textos.

É claro que medievalistas feministas estão fazendo muito mais do que simplesmente aumentar a quantidade de material que constitui o *corpus* empírico dos estudos medievais; também estamos desafiando antigas interpretações e fornecendo novas maneiras de ver coisas familiares. Na história, por exemplo, algumas historiadoras feministas questionam a própria periodização da Idade Média (sugerindo que a chamada alta Idade Média não foi, de fato, um ponto alto para as mulheres), e outros (mais notavelmente, Caroline Bynum) estão reinterpretando textos conhecidos sobre e por místicos medievais de maneiras surpreendentemente novas.<sup>62</sup> Nos estudos literários, por

<sup>60</sup> Janet Burton, *The Yorkshire Nunneries in the XII and XIIIc, Borthwick Paper 56* (York, 1979); Sharon K. Elkins, *Holy Women of Twelfth-Century England* (Chapel Hill, 1988); Marilyn Oliva, *The Convent and the Community in the Diocese of Norwich from 1350 to 1540*, Ph.D., Fordham University, 1991; e Sally Thompson, *Women Religious: The Founding of English Nunneries after the Norman Conquest* (Oxford, 1991).

<sup>61</sup> Embora exista o risco de separar um esforço extenso em apenas alguns textos, gostaria de chamar a atenção dos leitores especialmente para os seguintes estudos de escritoras medievais: Peter Dronke, *Women Writers of the Middle Ages* (Cambridge, Eng., 1984), e Katharina M. Wilson, ed., *Medieval Women Writers* (Athens, Ga., 1984). Um dos desenvolvimentos recentes mais interessantes no estudo da literatura medieval é a tentativa de reivindicar a autoria feminina para alguns textos anônimos; ver Janet Nelson, “Gênero e gênero em mulheres historiadoras da Idade Média”, em *Uhistoriographie médiévale en Europe*, ed. Jeari-Philippe Genet (Paris, 1991), p. 149-63. Para o estudo das mulheres na arte medieval, consulte Lila Yawn-Bonghi, “Medieval Women Artists and Modern Historians”, *Medieval Feminist* 12 (1991), p. 10-19.

<sup>62</sup> Uma primeira reavaliação da periodização da Idade Média pode ser feita por quatro: Jo Ann McNamara e Suzanne Wemple, “The Power of Women through the Family in Medieval Europe, 500-1100”, *Feminist Studies* 1 (1973), p. 126-41. Para declarações mais recentes, consulte Susan Stuard, “The Dominion of Gender: Women’s Fortunes in the High Middle Ages”, em *Becoming Visible: Women in European History*, ed. Renate Bridenthal, Claudia Koonz e Susan Stuard, 2ª ed. (New York, 1987), p. 153-74; e David Herlihy,

exemplo, Kathryn Gravdal está relendo encontros entre cavaleiros e pastoras na poesia pastoral francesa (ênfatisando o estupro onde outros críticos ênfatisaram o sexo lúdico), e Helen Solterer e Sarah Westphal-Wihl estão olhando novamente para contos sobre torneios femininos (encontrados nas tradições francesa e alemã), mostrando como esses contos traem um delicado equilíbrio de gênero entre conformidade e não conformidade, restrição e possibilidade.<sup>63</sup>

Em alguns aspectos, essa reinterpretação feminista dos estudos medievais é muito propriamente reativa, procurando revisar ou reinterpretar questões e textos tradicionais. No entanto, em outros aspectos, esse processo também está criando agendas interpretativas, independentes dos problemas e discussões tradicionais dos estudos medievais. Consequentemente, Bynum não apenas releu textos místicos conhecidos de novas maneiras; ela também criou uma série de questões – sobre religiosidade feminina e feminina – que exigem exame acadêmico. Muitos desses novos temas derivam não dos programas de pesquisa tradicionais do medievalismo, mas, em vez disso, dos programas de pesquisa do feminismo. E. Jane Burns, em seu novo estudo, *Bodytalk*, abordou o problema crítico feminista da fala das mulheres usando a literatura medieval. Susan Mosher Stuard incorporou novas ideias feministas sobre gênero aos estudos medievais, argumentando que os séculos XII e XIII trouxeram uma nova noção de diferença entre homens e mulheres para os europeus; em meu próprio trabalho sobre as esposas, tentei dar às preocupações feministas sobre a misoginia uma base histórica, rastreando como as ideias misóginas podem ter tido efeitos muito reais no trabalho das mulheres.<sup>64</sup> Ao lidar com questões como essas, medievalistas feministas ainda estão trabalhando nos estudos medievais, sem dúvidas, mas estamos trabalhando para criar um conjunto inteiramente novo de questões acadêmicas, métodos e discussões. Também estamos enriquecendo os estudos medievais com teorias, percepções e questões extraídas dos estudos feministas.

As feministas, assim, estão revisando o campo dos estudos medievais em três direções: adicionando novas informações, respondendo a velhas questões de novas

---

*Opera Muliebria: Women and Work in Medieval Europe* (Nova York, 1990). Para o trabalho de Bynun sobre o misticismo feminino, veja especialmente seu *Holy Feast e Holy Fast*.

<sup>63</sup> Kathryn Gravdal, *Ravishing Maidens: Writing Rape in Medieval French Literature and Law* (Philadelphia, 1991); “Chrétien de Troyes, Gratian, and the Medieval Romance of Sexual Violence”, *Signs* 17 (1992), p. 558. Sarah Westphal-Wihl, “The Ladies Tournament: Marriage, Sex and Honor in Thirteenth-Century Germany”, *Signs* 14 (1989), p. 371. Helen Solterer, “Figures of Female Militancy in Medieval France”, *Signs* 16 (1991), p. 522-49.

<sup>64</sup> E. Jane Burns, *Bodytalk: When Women Speak in Old French Literature* (Filadélfia, 1993); Susan Stuard, *The Dominion of Gender*; Judith M. Bennett, “Misogyny, Popular Culture, and Women’s Work”, *History Workshop Journal* 31 (1991), p. 166-88.



maneiras e criando agendas de pesquisa inteiramente novas. Ajudamos a introduzir a “virada linguística” nos estudos medievais e estamos considerando toda a Idade Média (homens e mulheres, masculinidade e feminilidade).<sup>65</sup> Os estudos medievais nunca mais serão os mesmos. Ao mesmo tempo em que todas essas revisões dos estudos medievais estavam em andamento, medievalistas feministas também tiveram algum sucesso modesto em nosso segundo campo de jogo – em nossas tentativas de despertar o interesse entre as estudiosas feministas, em geral na Idade Média. Como todo medievalista sabe, esse campo de jogo não foi nivelado e nunca será; em um mundo moderno, o estudo da Idade Média sempre será um tanto periférico. No entanto, para as medievalistas feministas, o desafio apresentado pela marginalidade dos estudos medievais é ainda mais agudo. As faculdades de estudos feministas são especialmente dominadas por acadêmicos que trabalham com questões contemporâneas e, embora as perspectivas históricas tenham um lugar de destaque nos estudos feministas, é um lugar que se concentrou principalmente na Era Moderna e, especialmente, nos Estados Unidos. Dado o ímpeto político da pesquisa feminista e seu *locus* americano, essa inclinação moderna dificilmente é surpreendente, mas representa um desafio para medievalistas feministas. Tivemos que encontrar um público acadêmico maior para nosso trabalho entre estudiosas feministas principalmente interessadas em investigar o presente (ou o passado recente) e principalmente inclinadas a considerar a pesquisa na Idade Média uma indulgência frívola e irrelevante.

Apesar desses obstáculos, medievalistas feministas deram passos preliminares fortes para a criação de um público mais amplo para a pesquisa medieval. Quatro anos antes da *Speculum* se tornar, com esta edição, a primeira grande revista medieval a publicar uma edição especial sobre as mulheres, *Signs: A Journal of Women in Culture and Society* dedicou uma edição inteira às mulheres medievais.<sup>66</sup> E muito antes de a Academia Medieval oferecer qualquer (ou muitos) trabalho sobre mulheres em suas reuniões anuais, as Conferências de Berkshire sobre a História das Mulheres

---

<sup>65</sup> Para exemplos da virada linguística, Nancy F. Partner, “Making Up Lost Time: Writing on the Writing of History”, *Speculum* 61 (1986), p. 90-117, Gabrielle M. Spiegel, “History, Historicism, and the Social Logic of the Text in the Middle Ages”, *Speculum* 65 (1990), p. 59-86. Ambos os artigos também ilustram meu segundo ponto sobre a amplitude dos estudos feministas na Idade Média, pois são de autoria de feministas medievalistas, mas não sobre mulheres medievais. Outro exemplo é a conferência realizada na Fordham University em março de 1990 sobre *Gender and Society II: Men in the Middle Ages*.

<sup>66</sup> Esta foi uma edição do artigo “Working Together in the Middle Ages: Perspectives on Women’s Communities”, *Signs* 14 (1989).

programavam regularmente numerosos trabalhos sobre mulheres medievais.<sup>67</sup> A batalha não está totalmente ganha, com certeza. Depois de publicar três artigos sobre mulheres medievais em seus três primeiros volumes no início dos anos 1970, a *Estudos Feministas* ainda não publicou outro. E algumas das mais novas revistas feministas ainda não publicaram nenhum artigo sobre mulheres medievais.<sup>68</sup> Ainda assim, embora medievalistas feministas tenham um caminho a percorrer, pelo menos estamos no caminho certo. Mais do que a maioria dos medievalistas, escapamos do enclave medieval e encontramos novos públicos para nosso trabalho.

Espero que as medievalistas feministas (assim como todos os medievalistas em geral) aprendam com esses primeiros sucessos e se baseiem neles. Alguns sucessos foram baseados em networking e personalidade; medievalistas feministas certas estiveram nos lugares certos e nos momentos certos.<sup>69</sup> Mas o fator mais crucial parece ser a disposição de medievalistas feministas em ler fora dos estudos medievais. Portanto, Gravidal se concentrou principalmente em textos medievais e interpretações medievalistas para seu estudo, *Ravishing Maidens*, mas ela também leu Susan Brownmiller, Catharine MacKinnon, Sylvana Tomaselli e Susan Estrich, para não mencionar Michel Foucault, Sigmund Freud e Jacques Derrida. Ao ler amplamente dessa maneira, as medievalistas feministas ganham duas vantagens. Em primeiro lugar, podemos fazer um trabalho melhor para tornar nosso trabalho acessível, relevante e interessante para outros acadêmicos.

Claro, nem sempre é possível ou mesmo desejável escrever para um público de modernistas; às vezes, nossas descobertas são altamente técnicas e às vezes nossas discussões são dirigidas apenas a outros medievalistas. Mas uma leitura abrangente

<sup>67</sup> Nas conferências mais recentes da Berkshire (com exceção da conferência de 1990), cada intervalo de tempo ofereceu pelo menos uma sessão (com vários artigos) sobre mulheres medievais. Na maioria das reuniões da Academia Medieval, os medievalistas não conseguiram ouvir trabalhos sobre mulheres (como em 1970, 1971, 1973, 1975, 1977, 1980, 1985 e 1986) ou apenas alguns. As únicas exceções foram as reuniões de 1989 e 1992, nas quais cerca de uma dúzia de artigos sobre mulheres foram apresentados. Um dos organizadores da reunião de 1989 relatou-me que houve muitas reclamações de membros da Academia sobre a atenção “excessiva” dada às mulheres medievais nesta reunião. A primeira sessão dedicada inteiramente às mulheres em uma reunião da Academia Medieval foi notoriamente intitulada *Troublemakers: Women in Medieval Society* (reunião de 1981).

<sup>68</sup> Quando pesquisei “Gender and History”, *Revista de História de Mulheres*, Publicação NWSA [Associação Nacional de Estudos das Mulheres] e Diferenças, em dezembro de 1991, não encontrei artigos sobre mulheres medievais. Que eu saiba, apenas um artigo sobre um tópico medieval apareceu desde minha pesquisa: Susan Mosher Stuard, “The Chase after Theory: Considering Medieval Women”, *Gender and History* 4 (1992), p. 135-46.

<sup>69</sup> Por exemplo, Jo Ann McNamara desempenhou um papel fundamental na promoção de sessões sobre mulheres medievais nas primeiras conferências de Berkshire e na presença de três especialistas pré-modernos entre os editores associados da *Signs* no final dos anos 1980 (Elizabeth Clark, Sarah Westphal-Wihl e eu) foi o principal impulso por trás da edição especial sobre as mulheres medievais.

garante que sabemos, sempre que quisermos preencher a lacuna medieval-moderna, como simplesmente construir a ponte – que linguagem usar, quais questões identificar, em quais contextos colocar nosso trabalho. Em segundo lugar, a leitura desse tipo também nos fornece teorias, materiais e práticas que enriquecem diretamente nosso trabalho. Judith Walkowitz têm coisas a dizer sobre a prostituição do século XIX que são pertinentes à nossa compreensão da prostituição medieval. Alice Kessler-Harris tem ideias sobre taxas salariais modernas que podem melhorar nossa compreensão das diferenças salariais na Europa medieval. Luce Irigaray teorizou sobre a fala feminina de maneiras que enriquecem nossas leituras da literatura medieval. Em suma, à medida que os medievalistas feministas leem os estudos feministas fora dos estudos medievais, somos capazes não apenas de nos comunicarmos de maneira mais eficaz sem os medievalistas, mas também de desenvolver novas maneiras de interpretar as fontes medievais.<sup>70</sup>

A maioria de nós gostaria de ter um público mais amplo, motivo suficiente para as medievalistas feministas lançarem nossas vozes um pouco mais longe. No entanto, há uma razão mais convincente: os estudos feministas simplesmente precisam de estudos medievais. Os medievalistas feministas contribuem com duas perspectivas críticas para a comunidade mais ampla de estudiosas feministas: cronológica e teórica. As medievalistas feministas, trabalhando no lado pré-moderno da divisão mais profunda da história ocidental, fornecem um contrapeso crítico à mentalidade presente de muitos estudos feministas. Como os editores da edição especial de *Signs* sobre mulheres medievais colocaram, em 1989, “um feminismo totalmente multicultural que não tem uma história antes de 1750 é tão pobre como um feminismo que atende às diferenças históricas, mas carece de uma apreciação multicultural”.<sup>71</sup> Essa perspectiva cronológica sobre as mulheres ocidentais e o feminismo ocidental – uma perspectiva que apenas os medievalistas feministas podem fornecer – já está alterando os estudos e a teoria feministas.

<sup>70</sup> Claro, os medievalistas precisam construir pontes com os classicistas, bem como com os modernistas. Na verdade, temos muito a aprender com os classicistas que, nos últimos anos, produziram obras na história da sexualidade que geraram intenso e amplo interesse. Esses classicistas, cujos problemas de sobrevivência e interpretação documental certamente rivalizam com os nossos, enriqueceram seu estudo das sexualidades antigas ao construir, muitas vezes de maneira brilhante, as inspirações encontradas na psicologia, no pós-modernismo, no feminismo e na antropologia cultural. Ver Peter Brown, *The Body and Society: Men, Women, and Sexual Renunciation in Early Christianity* (Nova York, 1989); David Halperin, *Cem Anos de Homossexualidade e Outros Ensaios sobre o Amor Grego* (Londres, 1990); John Winkler, *The Constraints of Desire: The Anthropology of Sex and Gender in Ancient Greece* (Londres, 1990); e Halperin, Winkler e Froma Zeitlin, eds., *Before Sexuality: The Construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World* (Princeton, N.J., 1990).

<sup>71</sup> *Signs* 14 (1989), p. 260.

Por exemplo, os medievalistas estão desempenhando um papel crítico nos debates sobre a baixa condição de trabalho das mulheres em nossos tempos. Ao documentar semelhanças notáveis entre as vidas profissionais das mulheres medievais e das mulheres modernas, fomos capazes de levantar uma perspectiva crítica, uma perspectiva que sugere que nem o capitalismo nem o industrialismo podem ser responsabilizados pelo baixo status das mulheres trabalhadoras na década de 1990.<sup>72</sup> O Ocidente medieval não é, com certeza, a única perspectiva cronológica importante na pesquisa feminista, mas atualmente é uma perspectiva crítica (pois o passado do Ocidente é excepcionalmente influente e excepcionalmente bem documentado). No desenvolvimento de perspectivas cronológicas dentro da pesquisa feminista, portanto, as medievalistas feministas desempenham um papel essencial nos estudos feministas.

O estudo da Idade Média também oferece possibilidades incomuns para o desenvolvimento posterior da teoria feminista. Até o momento, as medievalistas feministas têm sido principalmente consumidores da teoria feminista; informados pelas ideias de outros, nós os usamos para ver a Idade Média de maneiras novas e diferentes. Espero que no futuro também sejamos produtoras de teoria feminista, tirando conclusões das nossas pesquisas medievais que podem informar os estudos de nossas colegas não medievalistas.<sup>73</sup> Podemos ser particularmente eficazes na elaboração de teorias feministas de “diferença”. Nas ciências sociais, essas teorias exploraram principalmente as interseções muito modernas de raça, classe e gênero.

Que contexto melhor para desenvolver teorias mais completas sobre essas diferenças do que em uma sociedade medieval que não reproduzia categorias modernas como raça e classe, mas estava repleta de divisões entre cristãos, judeus e muçulmanos, entre camponeses e habitantes da cidade e guerreiros, entre mulheres e homens? Nos estudos culturais, as teorias feministas da diferença frequentemente enfatizam a instabilidade dos textos e de seus leitores. Que contexto melhor para explorar mais as implicações teóricas da instabilidade textual do que lendo textos medievais que tantas vezes incorporam – em sua autoria e audiência anônimas, em seu conteúdo mutável e em sua transmissão incerta – instabilidade?<sup>74</sup> O Ocidente medieval, em sua semelhança e

<sup>72</sup> Bennett, *History That Stands Still*.

<sup>73</sup> Em *The Chase after Theory*, Susan Mosher Stuard apresenta uma visão mais otimista do trabalho teórico feito por feministas medievalistas. Em sua opinião, as feministas medievalistas há muito geram teoria por meio da prática, porque “inventaram ou tentaram novas abordagens por necessidade” (p. 135).

<sup>74</sup> A esse respeito, ver particularmente: E. Jane Burns, Sarah Kay, Roberta L. Krueger e Helen Solterer, “Feminism and the Discipline of Old French Studies: une Belle Disjointure”, em *The Discipline of the*

diferença com o Ocidente moderno, oferece muitas possibilidades singulares para o estudo feminista, possibilidades que devem permitir que os medievalistas feministas contribuam substancialmente para o desenvolvimento posterior do pensamento feminista.

As medievalistas feministas, portanto, estão mudando os estudos medievais de duas maneiras fundamentais: estamos enriquecendo os estudos medievais em si, e estamos expandindo o público para esses estudos recém-enriquecidos. Neste processo, também revitalizamos os estudos medievais em geral – atraindo novos alunos, estimulando novos trabalhos de arquivo, provocando novas discussões. Os estudos medievais nunca se tornarão estudos feministas, e a *Speculum* provavelmente nunca se tornará uma revista de estudos medievais feministas, mas os estudos medievais, como um todo, têm uma grande dívida para com as mulheres medievalistas e com os estudos feministas. Essa dívida pode ser paga não em reparações, mas em apreciação e emulação. Temos participado de estudos medievais desde o início do século XIX, trabalhamos dentro de algumas das melhores tradições da erudição medieval, tal como foram praticadas no século XX, e estamos apontando o caminho para um estudo medieval que sobreviverá e florescerá no século XXI. O que Nellie Neilson disse à *American Historical Association* em seu discurso presidencial, em 1943, ainda fala por nós: “As raízes do presente estão profundamente no passado, um truísmo que não podemos hoje desprezar se buscarmos uma solução para nossos próprios problemas difíceis”<sup>75</sup>.

*Artigo traduzido em 25 de novembro de 2020. Aprovado em 30 de novembro de 2020.*

---

*Discipline*, ed. R. Howard Bloch e Stephen G. Nichols, Jr. (a ser publicado pela Johns Hopkins University Press).

<sup>75</sup> *American Historical Review* 49 (1944), p. 200. Gostaria de agradecer a muitas pessoas que leram e comentaram os rascunhos deste ensaio. Meus colegas do Grupo de Pesquisa sobre Mulheres Medievais e Modernas da Carolina do Norte ofereceram críticas incisivas a um primeiro rascunho. Stanley Chojnacki, Jan Ewald, Monica Green, Barbara Harris, Nancy Hewitt, Ruth Mazo Karras, Mavis Mate, Janet Nelson, Lee Patterson, Helen Solterer e Susan Stuard forneceram-me valiosas críticas escritas. Cynthia Herrup, Maryanne Kowaleski, Nancy Partner e Lyndal Roper generosamente reservaram um tempo para ler e comentar vários rascunhos. Também gostaria de afirmar enfaticamente que não posso e não falo por todas as feministas medievalistas. Somos um grupo muito diversificado, com ideias muito diversas sobre o presente e o futuro da bolsa feminista nos estudos medievais. Embora eu tenha buscado ideias, sugestões e críticas de algumas de minhas colegas feministas, este ensaio necessariamente reflete apenas meus pensamentos e minhas opiniões.